

CASAMENTO INTERCULTURAL ISLÂMICO: QUANDO A INTERNET FAZ PARTE DA RELAÇÃO

ISLAMIC INTERCULTURAL MARRIAGE: WHEN THE INTERNET IS PART OF THE RELATIONSHIP

Flávia Andréa Pasqualin¹
Francirosy Campos Barbosa²

Resumo: Este artigo se propõe a refletir sobre a necessidade de entender os efeitos da internet no cenário religioso brasileiro, tendo como objetivo compreender o relacionamento entre brasileiras (muçulmanas ou não) com muçulmanos estrangeiros. Pois, nesta sociedade globalizada, a facilidade de comunicação contribui para o crescente aumento dos casamentos interculturais. No Brasil, assim como nos demais países do Ocidente, parece existir um modelo uniformizado de Islã que negligencia as práticas e vivências contextuais, e embora não se tome conhecimento de suas nuances, ele existe e acaba por “conectar” e propiciar novas formas de relacionamentos. Para tal investigação, optou-se pelo método etnográfico virtual. Como campo empírico virtual, o estudo acompanhou 21 *blogs*, 27 comunidades no Facebook e 475 *vlogs* sobre relacionamentos amorosos de brasileiras com muçulmanos, como também contou com a participação de 5 internautas; sendo uma brasileira divorciada e as demais casadas com muçulmanos estrangeiros. Dessa forma, pode-se compreender os casamentos que se originam desses encontros cibernéticos e assim, entender como religiões globais se expressam localmente.

Palavras-chave: Internet; Islã; Casamento Intercultural.

Abstract: This article aims to reflect on the need to understand the effects of internet in the Brazilian religious scene, aiming to comprehend the relationship between Brazilian women (Muslim or not) with foreign Muslims. Because this globalized society, the ease of communication contributes to the growing number of intercultural marriages. In Brazil, as in the other Western countries, there appears to be a standardized model of Islam that neglects the practical and contextual experiences, and although it takes no knowledge of its nuances, it exists and ultimately "connect" and provide new forms of relationships. To do this research, we opted for the virtual ethnographic method. As a virtual empirical field, the study followed 21 blogs, 27 Facebook communities and 475 vlogs about romantic relationships between Brazilian women and Muslims and also it includes the participation of 5 Internet users; being one divorced Brazilian woman and four Brazilian women married with foreign Muslims. Thus, we can understand the marriages that originate from these cyber meetings and thus, understand how global religions are been expressed locally.

Keywords: Internet;Islam;Intercultural Marriage.

¹ Doutoranda no Departamento de Psicologia, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FFCLRP/USP. Bolsista FAPESP. pasqualin@usp.br

² Doutora em Antropologia - Docente do Departamento de Psicologia, FFCLRP/USP, Coordenadora do GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes. franci@ffclrp.usp.br

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a refletir sobre a necessidade de entender os efeitos da internet no cenário religioso brasileiro, tendo como objetivo compreender o casamento entre brasileiras (muçulmanas ou não) com muçulmanos estrangeiros. Ele é fruto da pesquisa de doutorado “*O (des)encanto do casamento intercultural: brasileiras casadas com muçulmanos turcos*” que estamos realizando desde agosto de 2013, no intuito de compreender as vivências relacionadas aos aspectos étnicos e religiosos, existentes no casamento de brasileiras (muçulmanas ou não) e muçulmanos turcos.

A palavra internet está intimamente ligada a palavra “globalização”, sendo esta última um termo atual no mundo socioeconômico, tendo despontado por volta de 1980, esse fenômeno não é uma realização do presente. Ele começou há muito tempo quando povos “ditos primitivos” passaram a explorar o ambiente em que viviam e, já no século XV os europeus viajavam pelos mares ligando o Oriente e o Ocidente.

Hoje em dia, segundo Haydu (2009), há grandes fluxos migratórios, fenômeno comum nas grandes metrópoles que, impulsionados por fatores variados, como por exemplo, desastres naturais e conflitos políticos e/ou ideológicos trazem pessoas de diferentes locais do mundo. Rittiner (2006) apresenta que, o contato entre os povos também acontece devido às migrações de turismo, aos estágios ou aos estudos em países estrangeiros e acrescentamos. A autora coloca que o fato de se poder deslocar com mais facilidade de um local para o outro, aumenta a possibilidade de encontros entre pessoas de culturas diversas contribuindo assim, para que aconteçam casamentos interculturais.

Os dados do Censo Demográfico (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, 2010), no ano da pesquisa, mostraram o aumento no número de imigrantes no país, sendo que nos últimos dez anos, foi de 86,7%. Assim como, neste mesmo ano, 491.645 brasileiros residiam no exterior. Do total de residentes em 193 países do mundo, 53,8% eram mulheres e 46,1% homens, com idade entre 20 e 34 anos, uma população jovem em idade de casamento.

Certamente, nos tempos atuais, com o avanço dos meios de comunicação, a globalização ganhou uma face mais visível por meio da internet – a rede mundial de computadores – encurtando o tempo e ampliando as oportunidades de tornar próximo o distante por meio da invenção de um novo local de encontro, o *cyber-espço*. Tal avanço fez emergir um novo meio de comunicação e com isso promoveu-se novos padrões de interação social.

A comunicação online desvincula a necessidade de se estar no mesmo local para se poder socializar. “A era da internet foi aclamada como o fim da geografia” (CASTELLS, 2003a, p.170). A internet tem uma geografia própria, feita de redes e nós que processam fluxos de informações gerados e administrados a partir de lugares (CASTELLS, 2003a). Sendo assim, surge o “homem global”, ainda que existam algumas críticas a esse termo, é fato que não podemos negar a “real” aproximação de pessoas na era da internet.

De acordo com Pierre Lévy (1996) o movimento de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos e os coletivos da sensibilidade.

Nesse vai e vem virtual e presencial de pessoas, entre produtos, política, dinheiro e informações, levam-se também as tramas do tecido cultural de cada povo. E, ao pensar nessa fina tessitura que amarra e transforma várias histórias é que se propõe, neste texto, discutir alguns dados que vem sendo coletados, durante o andamento da pesquisa de doutorado referida acima, não com a finalidade de esgotar o tema, mas sim de elucidar uma questão importante sobre o casamento intercultural entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros.

O ISLÃ

Um fenômeno social que se fez presente em nosso país nos últimos tempos foi a projeção da religião islâmica após o 11 de setembro de 2001.

De acordo com Pinto (2010), embora o Islã tenha chegado por aqui com a vinda dos africanos malês³, ele ganhou notoriedade entre a população depois que a mídia (muitas vezes único meio de informação de muitos brasileiros) passou a divulgar os atentados terroristas contra os Estados Unidos ocorridos na data referida.

Assim, passamos a ser “bombardeados” com inúmeras notícias advindas do telejornalismo internacional e nacional que, de acordo com Porto e Chaves Filho (2011), contribuiu para que o olhar do telespectador se tornasse cada vez mais dependente das informações e estereótipos advindos da imprensa, sendo que esta, raras vezes, ouviu um praticante da religião.

Entretanto, se durante as notícias veiculadas sobre o ataque terrorista juntou-se o Islã à violência, em contrapartida, nessa mesma época, despontava outro sucesso televisivo no Brasil: a novela *O Clone*, veiculada pela Rede Globo de 01 de outubro de 2001 até 15 de junho de

³ Sobre os Malês conferir documentário “Allah, Oxalá, na trilha Malê” de Barbosa (2015). LISA/USP, 30 minutos.

2002, a qual uniu os mesmos personagens – árabes e muçulmanos – de uma forma divertida e estereotipada⁴.

Segundo Ferreira (2009), mesmo que alguns estereótipos ainda tenham permanecido, o enredo trazia alegremente alguns costumes marroquinos e aspectos da religião que agradaram o gosto do público, como o marido Said (interpretado pelo ator Dalton Vigh) que além de representar um galã, cobria a esposa de joias e provia o sustento da casa.

A mídia integra um complexo mecanismo de construção do imaginário cultural, assumindo um importante papel na construção dos nossos mundos cognitivos e igualmente, como expressão de cultura e como leitura e interpretação dessas culturas (ALLIEVI⁵, 2003 *apud* MARQUES, 2011a, p. 35).

Dessa forma, nesse tipo de casamento em questão, acredita-se que para além da idealização do homem estrangeiro, este último é também muçulmano, e pode existir para este casal uma maior dificuldade de adaptação, pois se somam às diferenças culturais gerais, às religiosas. O Islã é uma religião prescritiva⁶ e insere-se em todos os momentos da vida do fiel. Muitos o denominam de “sistema de vida completo”, pois a própria palavra *Islam*⁷ (termo árabe) significa "entrega". Acrescentamos que, mesmo sendo esta brasileira revertida⁸, ela geralmente se encontra em processo de aprendizagem da religião, construindo um novo *habitus* religioso, como também se sabe que há diferenças entre ser muçulmano no Brasil, na Turquia ou nos diversos países de tradição árabe.

De acordo com a autora Peres de Oliveira (2006a, p.2) “é preciso “tentar entender o Islã entre nós”, ou seja, no campo religioso brasileiro. Marques (2008) afirma que no Brasil, embora os muçulmanos continuem sendo minoria é necessário, neste momento histórico, maior atenção do meio acadêmico para essa vertente, uma vez que fazem parte de uma comunidade global de fé que vem crescendo, quer seja em função de deslocamentos migratórios propiciados

⁴ Ver artigo de Ferreira (2015), “Telenovela e Islã: dos estereótipos à visibilidade”.

⁵ ALLIEVI, Stefano, 2003, “The media”, em Brigitte Maréchal, Stefano Allievi, Felice Dassetto e Nielsen Jorgen (orgs.), *Muslims in the Enlarged Europe*. Leiden, Brill, 289-330.

⁶ Isto não quer dizer que os muçulmanos não divergem em suas ações, correntes, etc. Há várias formas de apreender o religioso.

⁷ No sentido religioso, Islã, significa "total submissão à vontade de Deus", o que significa ter a sua rotina diária programada em função das obrigações religiosas, como por exemplo: os cinco períodos de oração durante o dia, a proibição de comer carne de porco e ingerir bebida alcoólica, o recato nas vestimentas e jejum no mês do Ramadan (mês em que foi revelado o Alcorão. É o nono mês do calendário islâmico - lunar, e assim o Ramadan não é celebrado todos os anos na mesma data, podendo passar por todos os meses e estações do ano. Dura entre 29 e 30 dias. Neste mês, pede-se aos fiéis uma prática mais intensa da religiosidade: fé, caridade, fraternidade, vivência dos valores da vida familiar, leitura mais assídua do Alcorão, frequência à mesquita, controle pessoal e autodomínio).

⁸ Para os muçulmanos, “revertido” significa aquele que retorna a Deus. Eles consideram que todos nascem muçulmanos, mas muitos se afastam de Deus, então, este retorno é chamado de reversão (FERREIRA, 2009).

pelas integrações globais, quer seja pelo maior contato com a religião através dos meios eletrônicos – mídias e internet – ou pela reversão.

O ISLÃ, A INTERNET E A GLOBALIZAÇÃO.

Um dado recente que presenciamos, refere-se a um encontro presencial, realizado em uma cidade no interior de São Paulo, de uma comunidade criada no Facebook para iniciantes na religião islâmica. A organizadora do encontro nos informou que o grupo criado há 1 mês e meio já contava com 1700 participantes, tendo sido realizado 30 *shahadas*⁹. Outra situação que observamos é o uso dos meios eletrônicos por alguns sheiks, como é o caso do Sheik Rodrigo Rodrigues, que vem ganhando a simpatia entre os jovens brasileiros recém revertidos. Na entrevista¹⁰, concedida à BBC do Brasil, em 05 de outubro de 2015, ele afirma que procura ser acessível para as pessoas devido à dificuldade que teve no início para encontrar muçulmanos que o ensinasse sobre a religião. Assim, segundo a reportagem, no YouTube ele publica vídeos com ensinamentos religiosos e conselhos, no Twitter ele escreve principalmente em árabe para mais de 12 mil seguidores, no Facebook, alterna entre mensagens religiosas, memes e comentários sobre seu time preferido de futebol, o Internacional. E, ainda tira dúvidas pelo WhatsApp e posta fotos com os alunos e com seus filhos no Instagram.

Portanto, na medida em que, as fronteiras tornaram-se permeáveis e a mobilidade contemporânea movimentada para além de pessoas, ideias e símbolos culturais provocam uma grande transformação na vida social (APPADURAI, 2004a).

Coll (2002) relata que o início do século XXI vem sendo caracterizado por duas realidades que se apresentam como antagônicas: a globalização e a tomada de consciência em relação à diversidade cultural do mundo.

Burity (2001) também reforça que ao mesmo tempo em que a globalização representa a interconexão entre regiões e comunidades, ela também se faz acompanhar por uma crescente demanda de singularidade e espaço para a diferença e o localismo. Fato esse, visivelmente, observado quando falamos em casamento intercultural, pois no pequeno universo de uma casa é preciso haver espaço suficiente para que caibam dois países e suas infinitas peculiaridades. Embora a união do casal relativize alguns costumes, o que para o autor faz parte dos processos da globalização, uma vez que esta altera processos tradicionais de produção e reprodução da

⁹ Testemunho frente a um muçulmano, em se que afirma “a existência de um Deus Único e que Muhammad é Seu Profeta e Mensageiro”, tornando após essa recitação, um muçulmano.

¹⁰ Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/150915_sheik_rodrigo_cc. Acessada em 09/10/2015

identidade, ela também fortalece identidades locais. Um exemplo pode ser o marido turco muçulmano que aceita se casar na igreja católica para agradar a esposa, no entanto, ele não permite que entre de sapatos em sua casa, pois em “casa turca” os sapatos sempre ficam no lado de fora.

Para Stuart Hall (1992) os fluxos culturais e o consumismo global criam “identidades partilhadas”, pois quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas. É o caso do Natal na Turquia, como é sabido, em países muçulmanos não se comemora o Natal uma vez que não são seguidores de Jesus Cristo, no entanto é possível observar nesta época, em Istambul, a decoração natalina como nós, de tradição cristã, conhecemos. No entanto, a árvore de Natal na Turquia traz a inscrição “Mutlu Yallar”, que significa Feliz Ano Novo! Para eles, Papai Noel e árvore de Natal estão relacionados a passagem do ano.

Contudo, Hall (1992), assim como Burity (2001) e Coll (2002), combate a ideia de homogeneização cultural advinda da globalização. Ele apresenta as identidades nacionais vinculadas a lugares, eventos, símbolos e histórias particulares e portanto, adota o conceito de “tradução”, o qual descreve as formações de identidades que atravessam e intersectam fronteiras. Pois para ele, as pessoas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem serem assimiladas ou perderem suas identidades porque elas são o produto de várias histórias e culturas interconectadas, assim, elas se “traduzem” e perdem qualquer tipo de pureza.

A globalização, juntamente com a internet, pode difundir valores e com isso acabar por uniformizar um dado grupo, no entanto elas não esterilizam identidades, pois os grupos culturais não recebem os valores globais como um “pronto-a-vestir”, eles selecionam-nos e até modifica-os quando necessário (LUCAS, 2011a), o que Hall chamou de tradução. Portanto, por mais que se tente miscigenar valores dentro de um lar intercultural, algumas especificidades e idiosincrasias são preservadas da cultura de origem.

Assim, com base nos pressupostos teóricos de Carneira da Silva (1997), no seu artigo sobre o “Islão Plástico” é que se delineia a ideia de que no Brasil, assim como nos demais países do Ocidente, ainda existe um modelo uniformizado de Islã que negligencia as práticas e vivências contextuais, e embora não se tome conhecimento de suas nuances, ele existe e acaba por “conectar” e propiciar novas formas de relacionamentos que, por conseguinte, formam novos modelos de famílias.

HABIBIS¹¹, ASKUS¹² e BRASILEIRA

Durante o tempo de desenvolvimento da pesquisa, notamos a velocidade que os meios de comunicação se aperfeiçoam, se modificam e se recriam na tentativa acertada de angariar novos públicos. Portanto, a etnografia virtual que teve início com o acompanhamento de blogs adaptou-se para acompanhar também as comunidades do Facebook e posteriormente os vlogs. Assim, o estudo acompanhou 21 blogs, 27 comunidades no Facebook e 475 vlogs sobre relacionamentos amorosos de brasileiras com muçulmanos, como também contou com a participação de 5 internautas, sendo uma brasileira divorciada e quatro casadas com muçulmanos estrangeiros. Vale dizer que, por motivos éticos, não abordamos nenhum assunto, em específico, que tenha sido discutido nos grupos do Facebook com privacidade fechada ou secreta e nem utilizamos recortes de diálogo, mesmo que de forma anônima por entender esse conteúdo como privado.

Compreender este novo local de encontro – o *cyber* espaço – torna-se fundamental para nos aproximarmos do entendimento dessas novas uniões entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros, pois o mundo social da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade (CASTELLS, 2003a).

As redes sociais e a globalização têm facilitado o encontro de parceiros de origens diversas, embora os casamentos interculturais não sejam um modelo recente. Como vemos no recorte a seguir: “Este blog conta a história de um amor, que parecia impossível. Conheci meu habibi pela internet em 2003, nos falamos por 10 anos e hoje somos casados e temos uma filha. Já moramos no Egito e agora moramos no Brasil.” (Blog Habibi no Egito. Acessado em 27 de novembro de 2015).

Segundo Medeiros (2011, p. 57) “[...] as pessoas ainda buscam sua felicidade através do casamento, apesar do grande aumento no número de divórcios.” Como pode ser visto a seguir,

Goldenberg (2011) coloca que as brasileiras repetem, insistentemente, que “falta homem no mercado”, e as que se mostraram mais satisfeitas com suas vidas, entre as brasileiras pesquisadas, são aquelas casadas há muitos anos. No entanto, de acordo com os depoimentos das participantes em sua pesquisa, a autora constata a existência de uma riqueza extremamente valiosa para as brasileiras: o marido.

¹¹ Habib significa amado, querido, em árabe. É utilizado por casais, para chamar o companheiro ou companheira de amor, meu amor.

¹² Aşkim significa amor, em turco. Também é utilizado por casais, para chamar o companheiro ou companheira de amor, meu amor.

Nesse sentido, podemos pensar, então, que devido à “crise interna” no mercado de casamentos as brasileiras buscam esse companheiro no “mercado” externo?

Togni e Raposo (2007) diz que o casamento intercultural sempre foi visto como problemático na sociedade, pois a endogamia parece ter sido a “tendência natural” e uma regularidade normativa. O autor ainda sustenta que, estudos contemporâneos sobre parentesco e família têm incutido em suas análises uma variedade de grupos familiares: como por exemplo, as famílias mono/homo parentais, a coabitação, os arranjos formais e informais de pais adotivos e, no entanto, essas mudanças são, em vários momentos, contestadas tanto na sociedade como na comunidade científica, sendo a família nuclear o ideal de modelo na vida institucional e política.

De acordo com Truzzi (2008) desde 1980, estudiosos vêm defendendo a tese de que a família no Brasil não pode ser compreendida apenas por traços homogêneos acomodados em um padrão singular que evoluiu da família patriarcal à família conjugal moderna, mas sim a partir de arranjos diferenciados, segundo especificidades de classe, gênero, idade e, acrescenta o autor, etnia e religião.

Goldenberg (2003) também nos alerta que não há um modelo ocidental, mas vários. No entanto, devemos discordar quando diz que homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias, sem reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade. O que vemos neste campo de pesquisa não é tão rígido assim, pois há vários casais que perpetuam o modelo tradicional. A maioria das brasileiras com que nos deparamos durante a realização da pesquisa, a princípio, buscam um homem “nos moldes antigos”; romântico e provedor da casa – mesmo que após o casamento isso não venha a acontecer, talvez porque isto seja uma característica dos casamentos islâmicos, com papéis de gênero bem definidos. A própria Goldenberg coloca como um dos resultados de suas pesquisas que, homens e mulheres nutrem um ideal romântico de relacionamento e possuem expectativas de relacionamento estável, sério, fiel e duradouro, padrões encontrados, na nossa sociedade, nos casamentos antigos. Ideais esses que, facilmente podemos ouvir quando o assunto é casamento com muçulmanos (sejam eles turcos ou árabes). Segundo uma brasileira: "Os árabes são muito gentis, educados, talvez como aquele homem à moda antiga, que não há mais. É um ponto que encanta a mulher". (S.M, 32 anos, casada com egípcio).

Outra fala muitas vezes ouvida em campo é: “os muçulmanos casam, os brasileiros não querem se casar”.

Em se tratando de muçulmanos praticantes, como já referimos acima, o namoro não existe, logo os homens desta religião buscam firmar o noivado e para tanto, rapidamente

expressam o desejo de casamento com a pretendente o que muitas vezes surpreende positivamente as brasileiras que anseiam por esse pedido.

No caso dos turcos, encontramos os homens divididos em “tradicionais” e “modernos” (como eles próprios se intitulam), sendo os “modernos” os que se definem como mais ocidentalizados, entre estes o namoro é permitido porque seguem mais o padrão comportamental ocidental. No entanto, de modo geral, os turcos falam rapidamente em amor e casamento porque estão em um país de tradição islâmica também. Segundo a colocação de uma das interlocutoras, “*esse modo de falar de amor e casamento é um estilo deles flertarem, porque na cultura turca as famílias dão importância ao compromisso selado desde o início. Não é por mal, mas é como eles aprenderam a conquistar porque é o que as mulheres turcas valorizam.*” (G. G., 27 anos – casada com turco). O casamento faz parte do cumprimento da religião islâmica, segundo as palavras proferidas pelo profeta Muhammad: “Quando o homem casa, ele preenche a metade de sua religião. Então, que tema a Allah com a metade restante.”

Mas, o que sabem as brasileiras sobre um homem muçulmano?

O CASAMENTO NO ISLÃ

Salientamos que o casamento é para o muçulmano o único meio de estabelecer contato íntimo com uma mulher¹³, já que nesta religião não há o namoro, e sim o noivado – *khutba*¹⁴, período que os noivos se conhecem, pouco antes de consumir o casamento.

Muitas vezes, é possível ver, claramente, na internet a confusão entre cultura árabe ou turca e religião islâmica. Na tentativa de conhecer o universo do amado as brasileiras buscam informação em outros blogs, sites e revistas não especializadas e atribuem certas características que são do homem muçulmano a toda uma etnia, ou vice e versa.

Segundo depoimento coletado, em pesquisa de campo convencional, Sheik Jihad Hammadeh, nos contou que durante a veiculação da novela “O Clone”, algumas brasileiras procuravam as mesquitas para saber onde poderiam fazer dança do ventre. Fato esse que mostra o total desconhecimento entre cultura e religião. Também é possível assistir em *vlogs*, feito por brasileiras que orientam as demais, alertas sobre o “sonho de Jade¹⁵”, pois muitas brasileiras desconhecem a religião islâmica e tomam por base conhecimentos televisivos, que

¹³ Em nossa pesquisa o que vem aparecendo são homens que consideram esses valores importantes, isto não quer dizer que todos sigam essas regras à risca. No Islã o homem pode se casar com uma mulher cristã ou judia, mas o contrário não é permitido.

¹⁴ Maiores informações em: http://www.religiaodedeus.net/casamento_islamico.htm. Acesso em 10.5.13.

¹⁵ Protagonista da novela O Clone, exibida pela rede Globo entre os anos de 2001 e 2002. Jade se casa com Said, o marido apaixonado, que a cobre de joias.

algumas vezes se apoiam na realidade, mas a contornam com adereços para ganhar a atenção do público.

Sheik Rodrigo Rodrigues, em 2012, publicou o *vlog* “SENTIDOS OPOSTOS - PRECISO DE UM MARIDO IMPORTADO URGENTE¹⁶”, que aborda duas realidades que começam a surgir em nossa sociedade; a primeira é sobre as brasileiras revertidas ao Islã que procuram marido. É sabido que a mulher muçulmana só pode contrair matrimônio com um homem muçulmano, diferente do homem muçulmano que pode se casar com mulheres de origem judaica ou cristã. A muçulmana brasileira, então, fica restringida nas suas possibilidades e busca este marido via redes sociais na internet, já que há um maior número de brasileiras revertidas em relação ao de brasileiros revertidos e, por também estarmos em um país de tradição cristã, o número de homens muçulmanos é reduzido. Contudo, Sheik Rodrigo fala da preferência das brasileiras revertidas por maridos árabes, deixando os brasileiros revertidos para segundo plano. Segundo ele, este comportamento está relacionado à ideia de que marido “importado” é melhor e, atribui esse desejo ao imaginário feminino constituído por contos de fada, novelas e cita inclusive, a personagem Jade, da novela “O Clone”. A segunda realidade é sobre as mulheres que aparecem na mesquita após terem conhecido algum muçulmano na internet e, por conta disso, buscam saber melhor sobre o Islã, gostam e acabam por fazer a *shahada*, no entanto, quando o relacionamento não dá certo “quem paga o pato é o Islã”, diz o Sheik, segundo ele, elas abandonam a crença e por vezes, relacionam a pessoa à religião e acabam maldizendo o Islã.

Giddens (2003) diz que entre todas as mudanças que estão ocorrendo no mundo, nenhuma é mais importante que aquelas que ocorrem no nível pessoal, tais como sexualidade, relacionamento, casamento e família. Segundo ele, é uma revolução global no modo em como pensamos sobre nós mesmos e no modo em como fazemos laços e ligações com as demais pessoas.

Até o momento, devido à globalização que propicia o contato rápido e direto entre os povos, foi possível perceber um aumento no fluxo de muçulmanos estrangeiros que chegam ao Brasil para fugirem das crises internas em seus países, principalmente os que sofreram e ainda sofrem as conseqüências da Primavera Árabe como os egípcios, e recentemente os sírios, refugiados do regime de Bashar Al-Assad, que chegam por meio de contatos estabelecidos com parentes que já vivem no Brasil ou por intercessão de entidades muçulmanas. No caso dos turcos, estes chegam devido ao aumento nas transações comerciais entre Brasil-Turquia e a

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F9C6Werq-nE&feature=youtu.be>. Acessado em 06/10/2015.

mobilidade de brasileiros em terras turcas nos últimos tempos. Há outras nacionalidades, mas as referidas acima estão sendo as mais encontradas em campo.

O *cyber* espaço também aparece nos relatos das brasileiras como um local propício para esses encontros interculturais que acabam por propiciar *a posteriori* o encontro físico desses casais. Durante o tempo em que estamos realizando a etnografia virtual nas redes sociais, *blogs* e *vlogs* de brasileiras foi possível perceber o grande número de egípcios que procuram brasileiras para contrair matrimônio.

Em um dos *blogs* que acompanhamos e que orienta brasileiras sobre esse tipo de união, encontramos:

A economia do Egito está uma DROGA, por isso os salários lá estão ruins, o turismo está ruim e o país está muito mal das pernas... Isso leva desemprego, salário ruim e vida ruim. Por isso MUITOS egípcios estão conhecendo mulheres na internet, querendo casamento e consequentemente "ganhando" visto para morar no Brasil ou em outros países... É triste mas é verdade, MUITOS estão apenas atrás de uma forma de viver uma vida melhor (e isso não é pecado, ne?). (Blog Habibi no Egito. Acessado em 27 de novembro de 2015).

No meio de tantas histórias que se cruzam e se interligam é possível encontrar os encantos e os desencantos de viver um relacionamento intercultural. Alguns desses casamentos obtêm sucesso e, em geral são os que as pessoas envolvidas conviveram por um maior período juntas antes de se casarem, conheceram as famílias, os países, conversaram sobre as diferenças religiosas ou adotaram a religião do marido, no caso o Islam. Vale salientar que, na grande maioria dos casos, a reversão ao Islã é sempre desejada pelo marido e/ ou pela família dele. Mas a reversão deve ser espontânea e desejada, realizada por amor aos princípios da doutrina e nunca para satisfazer a vontade de segundos ou terceiros. Como também em caso de não haver reversão, deve ser soberano o respeito às diferenças de um e de outro. Até o momento, foi possível encontrar mais brasileiras revertidas casadas com árabes (que se converteram pouco tempo antes da união) do que brasileiras revertidas casadas com turcos.

Em relação aos desencantos, muitos casamentos não passam de alguns meses ou por conta das diferenças culturais e religiosas ou por serem apenas armadilhas para obterem alguma vantagem sobre as mulheres brasileiras. Na grande maioria dos casos, o tempo de relacionamento desses casais ocorreu 100% apenas via internet.

Uma situação acompanhada durante visita a uma mesquita foi a de um egípcio que havia conhecido a esposa pela internet, casado por procuração e após alguns dias na casa da atual esposa, ele estava completamente surpreso com alguns costumes brasileiros e com as atitudes de sua mulher. Ao conversarmos com o egípcio, ele disse que a esposa durante o relacionamento pela internet achava o Islã muito bonito, dizia que não fumava e não bebia, no

entanto, ela nunca quis fazer uma oração com ele ou ao menos se interessou para saber melhor sobre a religião durante a permanência dele aqui.

Na internet há alguns *blogs*, *vlogs* e páginas criadas nas redes sociais, por brasileiras, exclusivamente, para orientar outras mulheres a não caírem nos contos das “Mil e uma noites” como algumas dizem. São mulheres que passaram por grandes dificuldades em seus relacionamentos e hoje estão dispostas a ajudarem outras mulheres. Elas começaram suas atividades na rede contando suas experiências interculturais (ou sobre o país estrangeiro ou sobre o relacionamento) e logo recebem inúmeras perguntas de outras brasileiras que estão se relacionando com homens da mesma nacionalidade e religião dos respectivos maridos.

Mas, quem são as brasileiras? Nesse meio, encontramos vários perfis de brasileiras que procuram ou são procuradas via internet para estabelecerem um relacionamento intercultural, no entanto, a maioria das mulheres estão entre os 20 e 40 anos, possuem formação acadêmica, trabalham, geralmente falam inglês ou usam algum tradutor *online* e são pertencentes a classe média. Geralmente, quando a intenção do homem é para aplicar golpes, a procura é por mulheres mais velhas, que estão estabelecidas financeiramente e estão carentes afetivamente, deixando-se envolver por palavras doces e pedidos de ajuda em dinheiro.

O assunto sobre esses golpes virtuais tomou grandes proporções e fez com que o Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores do Brasil), assim como as Embaixadas Brasileiras situadas em alguns países do Oriente Médio, lançassem algumas notas de alerta, em seu *site*, as quais dizem estar recebendo várias queixas de cidadãs brasileiras vítimas de roubos, fraudes e violência cometidos por cônjuges estrangeiros que conheceram pela internet e com os quais tiveram pouco ou nenhum convívio presencial antes do casamento. E, de acordo com os relatos recebidos, que incluem denúncias de cárcere privado, é frequente, nesses casos, que os maridos estrangeiros mudem completamente de comportamento, logo após a formalização do matrimônio, tornando-se agressivos e manipuladores ou interrompendo repentinamente o contato com as vítimas, após obterem visto de permanência no Brasil. A nota recomenda às brasileiras e aos brasileiros especiais cuidado com os relacionamentos virtuais mantidos com estrangeiros com o propósito de celebrar casamento, a fim de protegerem-se contra golpes e situações de risco. Sugerem, entre outras precauções, buscar obter referências do cidadão estrangeiro por parte de terceiras pessoas de conhecimento comum, além de evitar manter o contato restrito aos meios de comunicação à distância, previamente ao matrimônio.

Em 1 de Agosto depois de ter ouvido mais uma história triste sobre um relacionamento via internet, Francirosy¹⁷ escreveu em sua página do Facebook “O príncipe encantado não está na rede/dicas para mulheres escaparem de armadilhas na rede...”. Esta postagem contendo 14 itens a serem observados pelas mulheres teve até o momento 90 curtidas, 108 comentários e 60 compartilhamentos. O que nos chama mais atenção é o número de compartilhamentos que nos sugere que se trata de um problema há muito tempo detectado, a internet embora facilitadora de encontros, também é facilitadora de desencontros e os alertas como este resultam de uma experiência nem sempre positiva entre relacionamentos interculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre o uso da internet pelo prisma do casamento intercultural entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros é reconhecer um mundo que não pode mais ser ignorado: o Islã no Brasil. Assim, uma vez que a internet propicia uma nova geografia – desterritorialização – que pressupõe a independência das pessoas quanto a sua localização, ela também afirma a diversidade cultural do mundo em que vivemos e nos coloca a interagir com esse outro/estranho.

Ter acesso a belas paisagens e pessoas interessantes é também “acessar” novas ideias, confrontar nossa realidade e questionar nossas crenças. Dessa forma, vamos nos “traduzindo”, interpelando nossa própria identidade e transformando a sociedade em que vivemos.

A internet está inserida num macro universo, no entanto, tem a capacidade de modificar os mundos mais particulares. Por isso, de acordo com essa pesquisa, até o momento, vimos que embora as tecnologias facilitem o encontro e a união de pessoas de lugares longínquos, elas também podem se tornar empecilhos porque não proporcionam a vivência íntima, uma vez que as relações estão sempre intermediadas por câmeras sob uma realidade montada para ser filmada.

Na dimensão virtual, como não há fronteiras territoriais, muitos acreditam que ela é uma terra sem dono e não respeitam os limites pessoais dos usuários. Se a internet nos propicia muitas facilidades, ela também nos oferece uma falsa segurança. Pois, a tela de um computador é o mesmo que a porta aberta em uma casa. Nunca sabemos quem poderá entrar.

Contudo, não se trata de negar a utilização dessas tecnologias na busca de um amor ou de novas vivências, uma vez que o mundo virtual é uma realidade. Mas é preciso saber utilizar

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/francirosy.ferreira/posts/10200674846510744>. Acessado em: 10/10/2015.

esses novos recursos de maneira correta, seguindo as orientações de especialistas que nos sugerem sempre ter cautela, não se expor e investigar sobre a pessoa com quem está se relacionando.

Com efeito, neste mundo interligado, internet, casamento intercultural e Islã fazem parte de uma nova realidade brasileira, que funda novas famílias e amplia o número de brasileiros muçulmanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, A. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2014.
- BRASIL. Censo Demográfico 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>.
- BURITY, J. Cultura e identidade no campo religioso. Estudos Sociedade e Agricultura, 9, outubro, p.137-177, 1997.
- BURITY, J. Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo. Disponível em: Fundação Joaquim Nabuco-RJ; <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>, 2001.
- CARDEIRA DA SILVA, M. Islão plástico. Etnográfica. vol. I (1), pág. 57-72, 1997.
- CASTELLS, M. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- COLL, A. N. Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização. São Paulo: Instituto Polis, 2002. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, 2)
- FERREIRA, F. C. B. Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião. Etnográfica, Lisboa, v. 13, n. 2, nov., 2009. Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087365612009000200009&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 09 nov. 2012.
- FERREIRA, F. C. B. Telenovela e Islã: dos estereótipos à visibilidade. Revista Horizonte: vol. 13, no. 38, Abr./Jun. 2015 - Dossiê: Islamismo: Religião e Cultura. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n38p771>. Acessado em 31 de dezembro de 2015.
- GIDDENS, A. Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GOLDENBERG, M. Novas famílias nas camadas médias urbanas. In: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro/ Divisão de Psicologia da 1 Vara da Infância e da Juventude da Comarca da Capital do Estado do Rio de Janeiro. (Org.). Terceiro Encontro de Psicólogos Jurídicos. Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ, 2003, v. 1, p. 18-26, 2003.

GOLDENBERG, M. Afinal, o que quer a mulher brasileira?. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 09 Nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652011000100004>.

HAYDU, M. Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração e a segregação. *Ponto-e-Vírgula*. 5: 157-184, 2009.

LÈVY, P. O que é virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

LUCAS, G. C. J. Identidade e Globalização: o casamento como componente do património identitário Nyunguê. *Revista Litteris* – ISSN: 19837429 n. 8 – setembro, 2011.

MARQUES, V. L. M. O Islã na contemporaneidade: Perspectivas Identitárias / Alteridades, migratórias e percepções do sensível. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 a 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2002/26a%20RBA.pdf.

MARQUES, V. L. M. Os muçulmanos no Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 15, n.1, fev., 2011. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087365612011000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 09 nov. 2012.

MEDEIROS, M. das G. L. Trajetórias, Formas de Conjugalidade e Relações Sociais de Gênero entre Casais Binacionais. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 56-64, jan. / jul., 2011.

OLIVEIRA, V. P. Islam in Brazil or the Islam of Brazil?. *Relig. Soc.*, Rio de Janeiro, v. 2, 2006. Selected Edition. Available from <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872006000200002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 Nov. 2012.

PINTO, P. G. H. R. Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica. São Paulo: Editora Santuário, 2010.

PORTO, C. H. Q. ; CHAVES FILHO, J. E. Imagens do Islã na televisão brasileira: telejornalismo e novela “O Clone”. *História Agora: a revista da história do tempo presente*. pp.239-272, 2011.

RITTINER, M. E. N. Ser Estrangeiro: a construção das múltiplas identidades nas relações afetivo conjugais interculturais. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Antropologia para Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre sob a orientação do Profº Russell Parry Scott PhD, 2006.

TOGNI, P. C; RAPOSO. Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: género e imigração. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Coleção Observatório da Imigração. 193p, 2007.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. *Tempo Social. Revista de sociologia da USP*, v. 20, n. 1, 2008.